



Revista APMED - Volume 1 - Número 2 - Dezembro de 2022

SÓCRATES E OS CARREGADORES DE DEFUNTO DA LAPA

Gildo Rabello

Ex professor de Gastroenterologia da UFCG

Em Fédon, Platão descreve detalhadamente os últimos momentos de vida de Sócrates. Condenado à morte e, na prisão, rodeado de discípulos enquanto aguardava serenamente o carcereiro com o cálice de cicuta. Ao recebê-lo, pergunta tranquilamente:

“Dize-me, é ou não permitido fazer com esta beberagem uma libação às divindades?”

Entre os gregos era comum primeiro derramarem no chão algumas gotas da bebida em homenagem aos deuses.

Entre os canaviais pernambucanos sobrevive a vila da Lapa que eu insisto em chamá-la por seu nome primitivo. Vivi ali minha infância e adolescência e vi muitas vezes sepultamentos de mortos vindos de sítios e engenhos da circunvizinhança para o cemitério local. Eram homens rudes, de roupas mal talhadas, fisionomia soturna e mãos calejadas pelo eito da enxada e da foice na cultura da cana-de-açúcar. Se tinham um aspecto físico tétrico, não o eram no seu comportamento com o próximo, pois eram solidários com seus semelhantes numa hora em que a família enlutada carecia das prestezas desses anônimos. Para lá caminhavam em grupos de

seis ou oito homens para se revezarem na pegada das aselhas. E, após cumprirem a sua missão, eram brindados com uma rodada de cachaça como um gesto de gratidão pelo dono do defunto, numa bodega.

Situada no centro da vila, com garrafas esparsas de bebidas, entre elas garrafadas de raízes, folhas ou cascas de árvores, a bodega de seu Mané Gato tinha a seu favor a localização, mas pecava pela pobreza das instalações. Do lado de dentro do balcão, o olhar embaçado, a fisionomia serena de quem muito sabe e pouco precisa explicar, seu Mané Gato aguardava os homens tranquilamente enquanto tirava do bolso da calça um cornimboque e dele uma pitada de rapé que levava às narinas e esperava seu efeito.

E lá vinham os homens em fila indiana. E um a um lhe cumprimentavam com o necessário tirar do chapéu e o boa-tarde. Seu Mané Gato abria a garrafa de cachaça e punha os copos no balcão que, um após o outro, erguia o copo até a face e, num ritual quase religioso, deixava cair no chão um pouco da bebida e pronunciava: o primeiro gole é do Santo.

A analogia entre o que se passou na Grécia de Sócrates e o que se passava na Lapa é evidente. Creio que aqueles carregadores de defunto não leram Platão; creio, também, que entre aqueles matutos que àquela cena assistiam, apenas um leu o filósofo grego: o que escreve este texto.